

↑ 0280

03a 0060-50
REY CLI 338
SIST. 59391

17 de Agosto de 1950

MEIO DE SEMANA
"ÚLTIMAS PÁGINAS"

Um dia, numa floresta, ao entardecer... e começa aquele mundo de misticismo e repouso, o último na obra de Eça de Queiroz e o que, para quem talvez haja chegado tarde ao convívio do prosador, representa a melhor parte de sua colheita. Essas *Últimas Páginas* que o editor enfeixou num volume final, naturalmente não poderiam fazer sombra aos dezesseis títulos dessa constelação diferente no universo da literatura portuguesa. O prestígio do *Primo Basílio*, do *Crime do Padre Amaro*, dos *Maias*, da *Relíquia*, da *Casa de Ramires*, da *Correspondência*, esse prestígio conseguido pela vida intensa de suas figuras humanas e pelo encanto de seus ambientes, já havia conquistado o mundo dos leitores de Eça, em Portugal e no Brasil, para que essas páginas finais pudessem, desde logo, figurar na estima de seus adoradores quase místicos. O santo Eça era aquele que fizera o retrato de alguns tipos, e com certos traços de caricatura maravilhosa comunicara às suas criações um prestígio de duração incalculável. O Eça que passava a viver entre os santos e os ermitões, perdido na sombra dos bosques e no silêncio religioso dos vales, vagando pela desolada santidade das montanhas, esse ficaria para os que viessem mais tarde e quisessem satisfazer sua sede na fonte oculta entre esses rochedos, à sombra de árvores seculares, ou no vinho rústico das estalagens perdidas no silêncio quase virginal das aldeias de outrora. E vejam como era saboroso aquele vinho nos *pichéis* de estanho, na taberna do Galo Preto, por onde os lenhadores passavam, no povoado perdido onde começava a vocação de S. Cristóvão. A vida ingênua desses tempos parece que recupera, pelo milagre literário, todos os seus elementos dissipados na voragem dos séculos, e de novo fica presente nas páginas de Eça, as últimas saídas de sua pena, no tempo em que ainda os escritores escreviam com pena e

tinteiro, os únicos instrumentos com os quais seria possível escrever com amor sobre a vida de Santo Onofre, S. Frei Gil e S. Cristóvão. Esses translúcidos vitrais de capela, página e página, vão contando como foi que esses santos viveram no silêncio de suas renúncias e na tumultuosa solidão de suas almas tocadas pela graça. Como vitrais nas paredes antigas dos templos, de vez em quando se acendem em suas cores de transparência e nas suas figuras de imobilidade. A legenda se ilumina com a luz misteriosa de outros tempos, com as tintas de uma secreta aurora. Figuras de santos e veredas de paisagens, tudo se confunde, e o cheiro das ervas nos campos, a canção das fontes nos maciços de sombra, auréolas de vocações madrugando e aroma de vinhedos, rebanhos e solidões, enriquecem os capítulos de Eça como nunca antes sua pena imaginara, tão próxima e tão longe estava desse místico retardatário a fugitiva claridade desses caminhos.